



DESAFIOS 2025
O FUTURO DO BRASIL EM PAUTA

Para especialistas, Brasil pode obter ganhos relevantes no comércio internacional por meio de uma postura pragmática com as maiores economias do mundo. Cooperação com vizinhos sul-americanos tem potencial de impulsionar rotas comerciais

Agenda verde e integração

» RAPHAEL PATI
» FERNANDA STRICKLAND
» VICTOR CORREIA

Um dos principais desafios para o Brasil é acelerar o processo de desenvolvimento sustentável a partir de modelos de negócio que levem em consideração, além do aspecto econômico, pautas ambientais e sociais. Diante dessas premissas, o presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), Jorge Viana, se considera otimista com os rumos da economia brasileira.

Na visão do executivo, apesar da desconfiança de grande parte do mercado financeiro, há aspectos que devem ser destacados como positivos para o país, como o crescimento da atividade econômica e o avanço da indústria de transformação e da agenda verde.

“O Brasil se reencontrou com algumas das agendas que são fundamentais para a gente pensar em ter um desenvolvimento sustentável”, disse. Ele elencou quatro pilares que considera positivos e foram adotados nos dois primeiros anos do atual governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: política social; cuidado com povos originários; proteção do meio ambiente; e crescimento econômico.

Para Viana, o modelo tradicional de produção e consumo se esgotou, com graves consequências para o meio ambiente. Ele destacou ainda o avanço da insegurança alimentar no planeta. Dados do Mapa da Fome, da Organização das Nações Unidas (ONU), mostram que 733 milhões de pessoas viviam em situação de fome em 2023.

Nesse contexto, o presidente da ApexBrasil acredita que o país dispõe de todos os meios para ser protagonista de um novo modelo econômico, baseado na sustentabilidade e na redução das emissões de carbono na produção industrial, além de alinhado com políticas voltadas para a população que vive com renda baixa no país.

“Poucos países do mundo reúnem tantas oportunidades quanto o Brasil, mas isso vai depender de o Brasil ter consciência do seu papel”, destacou o presidente da ApexBrasil, que frisou, ainda, que considera os desafios para 2025 como “extraordinários”. “Eu estou muito otimista para começar 2025, porque o Brasil voltou a ter crescimento industrial e desenvolvimento econômico e voltou a ter protagonismo no mundo”, completou.

Neste ano, a ApexBrasil visitou 12

Marcelo Ferreira/CB



Poucos países do mundo reúnem tantas oportunidades quanto o Brasil, mas isso vai depender de o Brasil ter consciência do seu papel”

Jorge Viana, presidente da ApexBrasil

países diferentes para fazer encontros empresariais com investidores brasileiros e estrangeiros. Viana frisou que em todas as reuniões haviam pelo menos 300 empresários com interesse em apostar nas oportunidades do Brasil. O executivo também destacou que, após a posse de Lula, o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) voltou a ter um forte investimento e reassumiu o protagonismo como impulsor da atividade econômica no país: “É um dos maiores bancos do mundo e voltou e está dando lucro e sendo uma das instituições mais transparentes”.

Mesmo com a posse do presidente republicano Donald Trump, que nesta semana fez ameaças de que pode aumentar as tarifas de produtos brasileiros, Viana enfatiza que a postura do Brasil deve ser pragmática em relação aos Estados Unidos e defendeu avanço das relações comerciais com o país norte-americano e com a China. “Ou seja, não estou falando que problemas trazem boas notícias ou solução, mas é que o Brasil tem que saber aproveitar esse momento e se firmar cada vez mais”, avaliou.

Possibilidades

O secretário de Articulação Institucional do Ministério do Planejamento e

Orçamento, João Villaverde, também se mostrou otimista com as possibilidades econômicas para o Brasil no contexto internacional. Ele afirmou que as Rotas de Integração Sul-Americana podem beneficiar ainda mais o país após o fechamento do acordo comercial entre Mercosul e União Europeia. Em sua visão, os vizinhos sul-americanos agora têm interesse em usar os portos brasileiros, voltados para o Oceano Atlântico, para exportar seus produtos. A iniciativa visa conectar todos os países da América do Sul, mas também as duas costas do continente.

“Podemos usar o Pacífico tanto quanto usamos o Atlântico. Não vamos deixar de usar o Atlântico, ele é a nossa benção”, comentou o secretário. “E o maior acordo comercial do planeta Terra foi fechado neste mês, o acordo Mercosul e União Europeia. Nossos vizinhos, que não são banhados pelo Atlântico, têm agora interesse real de usarem nossos portos”, acrescentou.

O projeto das Rotas de Integração é um dos principais liderados pelo Ministério do Planejamento e Orçamento (MPO), composto por cinco rotas ligando todos os países da América do Sul. Segundo Villaverde, o governo ouviu os secretários de Planejamento e Desenvolvimento Econômico dos 11 estados fronteiriços. Ao todo, o investimento

já contratado pelo governo federal é de US\$ 10 bilhões que serão utilizados em mais de 190 obras de infraestrutura, dentro do Novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Villaverde exibiu e comentou uma apresentação de slides de sua pasta, com detalhes sobre as Rotas. Serão elas: Ilha das Guianas, Amazônica, Quadrante Rondon, Bioceânica de Capricórnio, e Bioceânica do Sul. O projeto teve origem no Consenso de Brasília, documento assinado em 30 de maio de 2023 por todos os presidentes da América do Sul.

Sobre as oportunidades futuras para o Brasil, Villaverde se mostrou otimista com o cenário atual, apesar dos temores com o rumo fiscal e a alta do dólar, e citou que os resultados do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 2023 e 2024 superaram em muito as previsões do mercado.

Além disso, destacou a COP 30, que será realizada no Brasil no final do ano que vem. “Ela é uma oportunidade, e ela vai passar. Quando chegar 2025, em novembro, o mundo inteiro estará no Brasil, e depois não o fará tão cedo. Temos que aproveitar essa oportunidade para fazer mais negócios, aumentar a geração de emprego, e aproveitar mais oportunidades em bioeconomia”, comentou.

Desenvolvimento

O economista-chefe do Banco do Nordeste (BNB), Rogério Sobreira, apontou que o desenvolvimento deve ser equilibrado econômica, social e ambiental. Para ele, há cinco dimensões fundamentais nessa transição: infraestrutura sustentável, transição energética, bioeconomia, economia circular e finanças sustentáveis.

Sobreira destacou que o sistema financeiro de fomento, como o Banco do Nordeste, tem um papel crucial no avanço dessa agenda sustentável. “Essa transição não é trivial. Os modelos econômicos ainda avaliam projetos de forma limitada, tratando a sustentabilidade como uma nota de rodapé. É necessário pensar em maneiras diferentes de incorporar essa dimensão ao desenvolvimento econômico”, afirmou.

Ao olhar para o papel do Nordeste nesse cenário, Sobreira apresentou dados expressivos sobre a liderança da região no setor de energia limpa no Brasil. Segundo ele, o Nordeste detém 92,5% da capacidade instalada de energia eólica no país e 59,3% da energia solar. Além disso, a região possui 55% do potencial de energia eólica e 51% do potencial fotovoltaico nacional. O hidrogênio verde também foi mencionado com 24%, como uma alternativa promissora, beneficiada pelas características específicas do Nordeste.

“O Nordeste tem um peso muito importante na transição energética do país, com destaque para as energias solar, eólica e hidrogênio verde. O Banco do Nordeste tem avançado no apoio a esse tipo de investimento, seja com linhas de crédito do FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste), programas com organismos multilaterais ou captações domésticas”, afirmou.

O economista-chefe destacou ainda a importância de um novo conceito de desenvolvimento que integre produtividade, distribuição de riqueza e preservação ambiental. “Se a gente lembrar, quando se falava em futuro no passado, discutia-se essencialmente produtividade, crescer e produzir mais. Com o tempo, a dimensão da igualdade surge como fundamental: não apenas crescer, mas distribuir esse crescimento adequadamente. Hoje, descobriu-se que crescer e se desenvolver precisam necessariamente contemplar a dimensão da sustentabilidade, porque o planeta não poderá ser pilhado infinitamente”, explicou Sobreira.



Quando chegar 2025, em novembro, o mundo inteiro estará no Brasil. Temos que aproveitar essa oportunidade”

João Villaverde, secretário de Articulação Institucional do Ministério do Planejamento e Orçamento



A transição não é trivial. Os modelos econômicos ainda avaliam projetos de forma limitada, tratando a sustentabilidade como uma nota de rodapé”

Rogério Sobreira, economista-chefe do BNB

Agricultura sob estresse

Em um cenário global marcado por pressões climáticas, crescimento populacional e tensões geopolíticas, o presidente do Instituto CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), Roberto Brant, destacou a urgência de debater os impactos ambientais da agricultura e a necessidade de soluções inovadoras para equilibrar produção e preservação.

“O que me foi proposto foi falar sobre o futuro. Mas eu estou percebendo, pelo conjunto dos ciclos, que a preocupação é maior com o futuro imediato”, alertou. Brant enfatizou que a agricultura, por sua natureza, é um processo que evolui mais lentamente em comparação a outros setores econômicos. E, no entanto, vive hoje sob “intenso estresse”, derivado de três principais fontes: conflitos internacionais, mudanças climáticas e o embate entre produção agrícola e meio ambiente.

Segundo ele, a guerra entre Rússia e Ucrânia trouxe um impacto imediato à oferta global de grãos, uma vez que esses países exportam volumes suficientes para alimentar 400 milhões de pessoas.

Contudo, o estresse mais profundo e estrutural vem das mudanças climáticas. “As mudanças climáticas estão produzindo efeitos variados e recorrentes em todos os grandes produtores agrícolas do mundo”, disse. A consequência direta é o encarecimento dos alimentos, um fenômeno global que afeta tanto países desenvolvidos quanto os mais vulneráveis.

Além disso, Brant ressaltou que, para alimentar os 10 bilhões de habitantes previstos para 2050, a produção de alimentos precisará crescer cerca de 50%, enquanto os recursos naturais, como a terra arável, estão no limite. “Se mantidos os atuais níveis de produtividade, só para atingir essa produção seria necessário devastar florestas do tamanho de 12 vezes o estado da Califórnia”, alertou, classificando a perspectiva como uma “catástrofe insustentável”.

Dilema ambiental

O presidente do Instituto CNA destacou que o conflito entre meio ambiente e produção agrícola é um debate “muito



Mantidos os atuais níveis de produtividade, para alimentar uma população mundial de 10 bilhões de habitantes, seria necessário devastar florestas 12 vezes o tamanho do estado da Califórnia”

Roberto Brant, presidente do Instituto CNA

mal encaminhado” em todo o mundo. Ele contestou a idealização da agricultura ancestral, apontando que os impactos ambientais começaram há 12 mil anos com a substituição da vegetação natural pelo uso do fogo e do machado.

“A falsa ideia de que a agricultura primitiva era ambientalmente amistosa precisa ser desconstruída”, afirmou. Segundo ele, as práticas rudimentares foram

mais danosas ao meio ambiente do que a chamada “agricultura moderna”. Para ele, a solução para o dilema atual é o aumento da produtividade agrícola, com foco na ciência e na tecnologia. “O grande dilema para o mundo hoje é produzir mais alimentos sem devastar mais terras”.

Brant ressaltou o papel essencial das inovações tecnológicas, como a engenharia genética e a biotecnologia, na

busca por um modelo sustentável de produção. Ferramentas como os transgênicos e as edições gênicas, segundo ele, representam a chave para “evitar o excesso de defensivos agrícolas” e ampliar a produtividade sem expandir a área cultivada.

A agricultura de larga escala, apontada por ele como a mais apta a incorporar essas tecnologias, foi defendida como a solução viável para os desafios globais. “A grande agricultura tem acesso privilegiado às novas tecnologias e é intensiva em capital. Já a pequena agricultura é intensiva em trabalho e não tem os meios para aumentar rapidamente a produtividade”, explicou.

Ele ainda frisou que a agricultura familiar tem seu papel social, mas que a solução para o desafio global de alimentar bilhões de pessoas depende da expansão e do aprimoramento tecnológico da agricultura comercial.

Diante do dilema entre produzir mais e preservar o meio ambiente, o presidente do Instituto CNA afirmou ser necessário um esforço conjunto entre governos, setor privado e sociedade. “Precisamos endereçar uma agricultura real para resolver os problemas reais do meio ambiente”, concluiu. (FS)